

Os sinos de São João del Rey

por Eimar Magalhães
de São João Del Rey

Antes do rádio ou de qualquer moderno meio de comunicação, cabe aos sinos levar aos habitantes de São João Del Rey os fatos novos da comunidade. Nas seis igrejas do centro da cidade existem perto de quarenta sinos de todos os tamanhos que tocam para avisar sobre missas, comemorações religiosas, falecimentos, enterros e até partos.

A linguagem dos sinos, uma tradição secular, chega a passar despercebida a qualquer visitante. Mas, assegura João Aureliano Santos, de 36 anos, é conhecida por todos os são-joanenses. Santos, também chamado por João Grande, trabalha há doze anos na igreja de São Francisco de Assis, de cuja Ordem Terceira o presidente Tancredo Neves é ministro de honra.

“Temos mesmo um guia de como usar os sons dos sinos, que, de fato, representam cada uma das catorze irmandades religiosas existentes na cidade. São quatro sinos na igreja de São Francisco que, de acordo com o dobrado, comunicam a morte de um irmão — essa condição de pertencer à ordem dá à pessoa o

direito de ser sepultada no cemitério da Igreja —, de uma mulher ou de uma criança”, afirma João Grande. No último sábado, por exemplo, os sinos da igreja de São Francisco dobraram por três vezes para anunciar a morte do irmão Adalberto Reis, de 43 anos.

Os códigos de morte e enterros (foram realizados três no sábado) são diferenciados. Para as mulheres, os sinos grandes dobram por duas vezes; os homens têm direito a três repiques; e no caso de enterros de crianças menores de sete anos (elas são consideradas puras), os sons são obtidos nos sinos pequenos e a música chega a ser festiva.

O sineiro Santos observa que os sinos não podem ser tocados antes da 18 horas para anunciar a morte de um irmão que reside fora da cidade e não será enterrado em São João Del Rey. Já o monsenhor Sebastião Paiva, da matriz de Nossa Senhora do Pilar, onde existem seis sinos diferentes, diz que o toque mais antigo e que não caiu em desuso é dado às 15 horas da Sexta-Feira da Paixão. Nesse dia, dobra o sino da Irmandade do Senhor dos Passos, uma prática intro-

duzida pelo papa Bento XIV e divulgada em 1757 pelo então bispo de Mariana (MG), Dom Manuel da Cruz.

Edson de Oliveira, o sineiro da matriz do Pilar há seis anos, assinala que, em casos especiais de enterros de celebridades nacionais, todos os sinos da cidade podem ser acionados ao mesmo tempo — normalmente se observa um intervalo entre o toque de uma igreja e o de outra. “Quando isso acontece, o som chega a ser ouvido em Tiradentes, a 13 quilômetros de distância. Lembro-me de que no sepultamento do primeiro bispo de São João del Rey, dom Delfim Ribeiro Guedes, todos os sinos, após a autorização de cada pároco, foram acionados no mesmo instante”, cita.

Ele observa que uma só pessoa pode pertencer a mais de uma irmandade religiosa e, no caso de morte, cabe à família decidir onde será feito o enterro. Para ingressar numa ordem, cada pessoa paga uma “jóia” correspondente a mil cruzeiros por ano de idade — um irmão de 30 anos pagaria Cr\$ 30 mil para sua admissão. Após isso, deve ser dada uma contribuição de Cr\$ 3 mil por ano.

O presidente eleito Tancredo Neves, confirma o sineiro Oliveira, é também integrante das irmandades de Nossa Senhora das Mercês e do Senhor dos Passos.

Os códigos de enterros, no entanto, não são os mais usados. Além das batidas comandadas por relógios a cada 15 minutos para anunciar as horas, as igrejas, antes das celebrações religiosas, avisam os fiéis sobre o que acontecerá. No domingo, o sineiro João Grande, da igreja de São Francisco de Assis, fez dobrarem os sinos às 8h30 para anunciar a missa que começaria às 9, 15. Pouco depois, deu um repique festivo para chamar os fiéis, convocou os franciscanos para colocarem seus hábitos, valendo-se do sino maior (são, no mínimo dezoito pancadas), e bateu mais quatro vezes no sino menor, o de som agudo, para avisar que um padre comandaria os ofícios. Quando a missa é celebrada por um bispo, deve-se dar cinco toques no sino.